

ees

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



O ESTADO E A IGREJA

HOMENAGEM A JOSÉ ANTUNES

VOLUME 22, 2001

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ARGUIÇÃO DO *CURRICULUM VITAE* DO DOUTOR JOSÉ ANTUNES

por Maria Helena da Cruz Coelho

Com um raro prazer tenho voz nestas provas de Agregação. Provas iguais, mas também diferentes de todas as demais. Porque elas coroam a carreira de um homem cuja vida intelectual se define pela densidade significativa de dois verbos - Ensinar e Aprender. Pelo ensinar e aprender tudo ousou e muito apostou. Corajosamente ultrapassando o tempo e os tempos convencionais das metas de tal percurso. Digna de encómio é, pois, a sua enorme força de vontade. Que, como resposta, só pode despertar numa docente, como eu sou, a admiração. Razão primeva da minha gratificação por integrar este júri.

Não é menor a segunda. Fundamenta-se esta na nossa relação como colegas. O Doutor José Antunes sabe vivenciar o sentido de Escola. Admira e respeita os Mestres. Entrega-se aos seus alunos. Disponibiliza-se para com os Colegas. E é justamente em nome dessa viva prática de interrelacionamento científico que eu lhe presto homenagem. Porque sempre, com a gratuidade dos que sabem, ofereceu o seu saber, quando lhe era requerido. Eu, por repetidas vezes, louvei essa sua postura, de que, aliás, sou também devedora. É-me, pois, grato evocá-la, hoje e aqui.

Analisar um *curriculum* é, no caso específico do Doutor José Antunes, analisar uma vida, na sua vertente de trabalho. Num percurso escandido em tomo de 1975, por um antes de formação eclesiástica e desempenho de funções adentro da Igreja e um depois em que a formação secular e a actividade docente em instituições estatais o preenchem. Se, no caso vertente, a tónica deverá incidir sobre esta última etapa, a unicidade do saber e de todo o ser humano obrigam a reportar-me também à primeira.

Para não me deter em aprendizagens de infância e adolescência, lembrarei apenas que o Doutor José Antunes terminou o seu Curso de Humanidades e o Curso de Filosofia Escolástica no Seminário Maior de Coimbra para, em seguida, entre 1953 e 1957, se transferido para a Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade

Gregoriana de Roma, onde veio a concluir o seu Curso de Teologia, que, aliás, iniciara ainda em Coimbra.

Justamente em Roma foi ordenado presbítero, com 27 anos de idade, havendo desde logo sido chamado pelo Prelado da Diocese de Coimbra para se dedicar ao ensino. E a sua carreira docente inicia-se assim nesse ano lectivo de 1957/58, não sem antes haver completado os seus conhecimentos de língua inglesa, estanciando em Inglaterra. Passa então a ensinar onde aprendera, ou seja, no Seminário Maior de Coimbra e, a partir de 1971, no Instituto Superior de Estudos Teológicos. Teve a seu cargo, nestes dois estabelecimentos, as disciplinas de *Teologia e Dogmática*, *Revelação e Té*, *Antropologia Teológica*, *Fé e Ateísmo* e *Inglês*. Cumulativamente leccionou *Antropologia Teológica* no Instituto de Serviço Social de Coimbra e *Moral e Religião* nas Escolas Eugénio de Castro e Martim de Freitas.

Durante este período, em parceria com alguns professores e alunos da Universidade, fundou, em 1968, o *Centro de Estudos Teológicos* na Faculdade de Letras, de que foi director e professor até 1971, ano em que o mesmo se integrou no novo Instituto Universitário Justiça e Paz, com sede no antigo CADC. Na âmbito da cadeira de *Liturgia*, leccionada nesse Centro, fundou e organizou, juntamente com o Dr. Francisco Faria, o Coro D. Pedro de Cristo.

Toda esta actividade docente se acumulou do desempenho de cargos nos diversos Institutos e Centros em que foi trabalhando, para além de outros mais especificamente comprometidos com a vida religiosa, de que destacarei o de Secretário Geral da Diocese de Coimbra, desde 1959 a 1968.

Não menos, durante este período, foi difundindo o seu saber religioso em oito conferências proferidas em Centros de Cultura de Norte a Sul do nosso país. Mais significativamente procurou ainda actualizar-se e participou em Congressos, Cursos, Semanas e Encontros Científicos, com destaque para os que versavam a Teologia e o estudo do Antigo Testamento, muitos deles realizados no estrangeiro, em países como a Alemanha, Suíça, Luxemburgo, França e Espanha. Foi igualmente dando à estampa vários trabalhos, em diversos periódicos e revistas, que abordavam temáticas relacionadas com o comprometimento da Igreja na sociedade.

E com toda esta bagagem científica, cultural e religiosa que se matricula, em 1975, no Curso de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Concomitantemente, de 1975 a 1977, sub-

mete-se a exame de sete cadeiras *Ad Hoc* para obtenção do diploma do Ensino Preparatório e Secundário. É então colocado como Professor Provisório do 1^o Grupo na Escola Preparatória de Porto de Mós, onde lecciona, até 1979, as disciplinas de *Estudos Sociais, História de Portugal e Português*.

Foi pois um estudante-trabalhador, mas invulgar, já que terminou o seu Curso de História, nesse mesmo ano de 1979, com dezasseis valores.

Neste passo da análise do seu *curriculum* assaltaram-me as perguntas. Não sei exactamente se são para terem resposta. Mas algumas ousou formular - o que lhe acresceu em saber esse mesmo Curso? quanto pesou nele e como dialogou com ele a sua anterior formação? quais as principais críticas, positivas ou negativas, que, agora, à distância, sobre ele pode formular até comparativamente com o dos dias de hoje? E que o Doutor José Antunes está numa posição invejável para produzir estes balanços, uma vez que cursou História já como um homem maduro, como licenciado e ainda como professor. Podia, portanto, ajuizar cabalmente das componentes científico-cultural e pedagógica das disciplinas que lhe eram ministradas.

A partir de 1 de Outubro de 1979 persegue um novo rumo na sua vida intelectual ao entrar como Assistente para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, integrando-se no Instituto de História e Teoria das Ideias.

A 12 de Fevereiro de 1996 apresenta-se a provas de doutoramento, na especialidade de História da Idade Média, com a dissertação *A cultura erudita portuguesa nos séculos XII a XIV (Juristas e Teólogos)*, tendo sido aprovado com distinção e louvor, havendo então sido contratado como Professor Auxiliar. Mediaram, pois, longos anos entre o seu ingresso no corpo docente universitário e o seu doutoramento, o que, assim penso, não foi profícuo à Escola nem ao Doutor José Antunes. Mas só o próprio conhecerá as motivações profundas desta demorada "Travessia do deserto".

Durante cerca de dezassete anos de docência universitária - dado que esteve equiparado a bolseiro, em regime de dispensa de serviço docente de 1989 a 1992, para se dedicar exclusivamente à investigação com vista ao seu doutoramento - leccionou quatro disciplinas da Licenciatura em História, a saber, *História Institucional e Política (sécs. III a XIV)*, *Problemática de História de Portugal*, *História da Idade Média* e *História Medieval de Portugal*. Foi ainda docente, durante

alguns anos, de um *Seminário Científico-Pedagógico* de História, do Ramo de Formação Educacional, para além de, no presente ano lectivo, ser responsável por um *Seminário* no Mestrado de História da Idade Média, que versa sobre *Cultura erudita portuguesa nos séculos XII a XV*, seminário temático sobre o qual apresenta, justamente, o seu relatório.

Relativamente a esta docência gostaria de saber se no ensino destas disciplinas pôde ir articulando o seu saber histórico com os seus conhecimentos científicos religiosos e teológicos. Pergunto-me até se não teria havido vantagens em ter leccionado alguma disciplina de conteúdo mais específico nesse âmbito da sua formação religiosa para a qual estava bem apetrechado. Não se motivou para tal ou não lhe foi dada oportunidade? Nunca pensou em criar uma disciplina de opção adentro de uma das suas especialidades? Dir-me-á agora algo sobre este assunto.

Ao longo destes anos foi também desempenhando alguns cargos na Faculdade, havendo sido Membro da Assembleia de Representantes e eleito Representante dos Assistentes do Grupo de História no Conselho Científico. Mas entregou-se, sobremaneira, ao seu Instituto, do qual é actualmente Bibliotecário, à *Revista de História das Ideias*, órgão desse mesmo Instituto, havendo sido membro do Conselho de Redacção e seu Tesoureiro.

Passemos agora à produção científica e divulgação da mesma. Neste particular será de referir que realizou duas conferências e esteve presente em nove reuniões científicas, sempre apresentando comunicações. Curiosamente todas elas tiveram lugar em Portugal, parecendo que, em relação a tempos anteriores, o Doutor José Antunes se sedentarizou um tanto, pois só encontro uma deslocação a Roma para investigação nos seus Arquivos, enquanto preparava a sua tese de doutoramento. Porquê esta opção mais "caseira", não tendo investido na divulgação do seu saber no estrangeiro?

Deu à estampa, durante estes vinte anos, 16 estudos (um deles de co-autoria), 8 artigos num Dicionário e 3 recensões, para além da sua tese de doutoramento, o que se pauta sensivelmente por um ritmo de cerca de um trabalho científico anual, média que parece condizente com os parâmetros de base exigíveis a um docente universitário que se entrega à preparação das suas aulas e à vida académica. É evidente que o esforço de investigação é muito diferente de trabalho para trabalho, em estreita relação com a sua natureza.

E eu sei que traz em mãos, como membro do Centro de História da Sociedade e da Cultura, uma edição da versão existente em Portugal do *Livro das Confissões* de Martin Pérez, que lhe tem absorvido muito tempo, ainda que o proveito se vá manifestando com estudos diversos sobre essa fonte. Para além de saber que outros trabalhos estão entregues para publicação e que tem em preparação, para dar à estampa, a sua tese de doutoramento.

E, antes de prosseguir, um reparo. Curiosamente, no seu *curriculum*, nunca faz referência ao facto de ser membro do Centro de História da Sociedade e da Cultura. Um lapso ou uma vontade, pergunto-lhe? Em qualquer caso, dir-lhe-ei, que na organização do seu *curriculum* se entrelê uma certa pressa na sua elaboração, o que conduziu a outros deslizes, como os de não referir os locais onde se realizaram certos Congressos, além de, em alguns estudos publicados em Revistas ou Actas, não nos fornecer as páginas dos mesmos, o que é bem nefasto para quem os tem que analisar. E depois deste aspectos processuais, retomemos à análise substancial do *curriculum*.

Digamos que os artigos foram publicados 10 em Revistas (*Revista de História das Ideias*-7; *Revista Portuguesa de História* -1; *Humanitas* -1; *Revista Theologica* -1), 5 em Actas ou Ensaios e um outro constitui parte de uma obra. Parece-me de destacar a ligação do Doutor José Antunes, como docente e investigador, ao órgão científico do Instituto a que pertence, a *Revista de História das Ideias*, dando provas da compreensão do sentido do que são os Institutos, unidades de docência e investigação.

O Dicionário onde conta com oito entradas é o *Dicionário de Literatura Medieval*, havendo aí escrito sobre dois homens da Igreja - Boécio e Pedro Hispano, sobre uma obra - *Diálogo de Robim e do Teólogo* (uma derivação da obra mais ampla que traz em estudo, o *Livro das Confissões* de Martin Pérez) e sobre quatro temáticas, a saber, *Bíblia*, *Patrologia*, *Apológica* e *Ordens Religiosas*.

A obra em que colaborou foi a *História da Universidade em Portugal*, no seu primeiro volume.

A sua tese de doutoramento já foi nesta mesma sala avaliada, pelo que me dispensarei de aqui a abordar. Fixemo-nos, pois, sobre a sua restante produção.

Se bem que seja muito difícil separar saberes, o que apenas poderá trazer vantagens metodológicas para o diálogo, direi que, procurando temas fortes na sua produção, deparei-me com três:

- história político-ideológica;
- história da Universidade;
- história religiosa e da Igreja.

Comecemos pelo primeiro tema, até porque cronologicamente dos mais antigos. Um trabalho que publicou com mais dois colegas do seu instituto, *Conflitos políticos do reino de Portugal entre a Reconquista e a Expansão* - tomou-se um clássico para todos os que têm de percorrer este caminho. Na minha perspectiva, o seu grande mérito foi dar uma panorâmica geral e sistematizada da conflituosidade vivida entre as forças sociais do reino de Portugal - realeza, clerezia e nobreza - que, em boa parte, corporizavam as inevitáveis convulsões de um reino em crescimento e construção.

Fixou-se depois no rei fundador da monarquia portuguesa, perscrutando a construção do seu paradigma e memória e a sua acção. Neste particular deteve-se sobre a análise do dito Tratado de Tui no estudo *A versão portuguesa do "Tratado" de Tui (1137). Uma interpretação diferente da de Paulo Merêa e de outros historiadores*, onde, depois de atentar nesse acto diplomático, que meritoriamente traduz, defende tratar-se de "uma verdadeira acta de compromisso de prestação de vassalagem a Afonso VII pelo príncipe português", perfilhando portanto as relações feudo-vassálicas que o acto envolvia, mas acentuando que o protagonismo da acção partiu do próprio Afonso Henriques e que a *Honor* a que a carta se referia não seria uma terra, mas apenas a homenagem vassálica. Parece-me bem aceitável a sua interpretação, resolvendo parte das muitas interrogações deste pacto. Pergunto-lhe, porque não estive presente na apresentação desta sua comunicação no 2º Congresso Histórico de Guimarães, se a sua tese foi bem aceite ou se, porventura, depois dela publicada, teve eco de opiniões concordes ou contrárias à sua interpretação.

Os demais estudos - *O modelo de príncipe na Vita Theotonii*, *O príncipe ideal cristão nos Annales Domini Alfonsi Portugalensium Regis* e *Um livro sempre aberto sobre Afonso I, rei de Portugal* - constituem uma trilogia muito sugestiva sobre o paradigma exemplar do rei cristão e do valoroso guerreiro com que os ideólogos de Afonso

Henriques, os cónegos de Santa Cruz, compuseram a imagem e memória mítica do rei-fundador, fosse na hagiografia, na cronística ou na epigrafia. Pergunto-lhe: não o desafia vir a contrastá-la com as demais imagens do monarca, provenientes de outros círculos próximos ou rivais do soberano? Por fim saliente-se o seu trabalho *As duas faces do poder na oratória sagrada portuguesa (séc. XIII)*, em que correlaciona a ideologia do poder e da justiça veiculada pela oratória antoniana com o modelo de príncipe divulgado pela sermonária de Frei Paio de Coimbra, expoentes significativos do pensamento da época, que buscavam conciliar a dualidade entre o secular e o espiritual, entre as coisas temporais e as eternas.

Nos trabalhos que dedicou à Universidade, começou por um desenvolvido estudo sobre o sentido ideológico da reforma pombalina, com base em documentos da Universidade de Coimbra. Será este, talvez, o seu estudo de cronologia mais avançada. Qual o gosto ou o desafio para assim progredir no tempo?

Em 1991 saiu o estudo sobre *Portugueses no processo histórico da Fundação da Universidade de Salamanca*, onde, com pormenor, acompanhou o percurso de vida dos três escolares portugueses que constituíam o Tribunal do Estudo, Miguel Peres e Pedro Moniz, cónegos de Lamego, e Fernando Joanes de Portocarreiro, futuro deão de Braga e prior de Guimarães, cujo itinerário de vida, muitíssimo interessante, segue atentamente. E sentiu ainda necessidade de pormenorizar mais esta linhagem e, em 1993, deteve-se sobre *O testamento de Fernando Joanes de Portocarreiro, deão da Sé de Braga e prior de Guimarães*, testamento rico sobre as vontades deste clérigo quanto aos *temporalia* e *spiritualia*. Aliás, esta família é muito interpelante, tanto pelos membros que vivem no século, como pelos que entram em religião. Justamente no mosteiro de Arouca, como se analisa na tese de mestrado de Luís Repas, a defender em breve⁽¹⁾, ficamos a saber que, entre finais do século XIII e inícios do XIV, estavam no mosteiro, como monjas, três sobrinhas-netas de João Anes Portocarreiro, Guiomar Fernandes, Maria Fernandes e Joana Fernandes, netas do seu irmão

(1) Tese de Luís Miguel Malva de Jesus Rêpas, intitulada *Quando a nobreza traja de branco. A comunidade cisterciense de Arouca durante o abadessado de D. Luca Rodrigues (1286-1299)*, 2 vols., Coimbra, 2000, defendida a 19 de Junho de 2000.

Pero Anes e filhas de Femão Peres, havendo Maria Fernandes de Portocarreiro desempenhado mesmo os cargos de sub-prioiresa e prioiresa.

Ainda no ano de 1991 publicou, nas Actas do Congresso de História da Universidade, o trabalho *Posição de alguns Mestres antes e depois da fundação da Universidade face aos direitos dos povos*, estudo que intimamente se relaciona com o que deu à estampa no ano seguinte *Dos direitos do Homem aos direitos dos povos (do Portugal Medieval à Época Moderna)*. Existe, mesmo, assim me parece, uma certa sobreposição entre ambos, gostando que me esclarecesse sobre as novidades do segundo face ao primeiro. E para ambos fez convergir a análise pormenorizada que, em 1990, apresentou sobre *O percurso e o pensamento político de Pedro Hispano, arcebispo-eleito de Braga e papa João XXI*, o papa de que tanto se tem falado agora recentemente, a propósito do seu túmulo em Viterbo.

Fechando o ciclo dos seus estudos sobre a Universidade, ou das figuras com ela relacionadas, há ainda que aludir ao capítulo que escreveu na recente *História da Universidade em Portugal*, em que nos dá conta da problemática em tomo da leccionação da Teologia no Estudo Geral português desde a sua fundação, para depois acompanhar o seu evoluir, salientando os marcos de 1309, em que a Teologia se ensinava nos conventos dos Franciscanos e Dominicanos e depois do ano de 1400, quando a Teologia já se incorporava no Estudo, para terminar com a dilucidação dos saberes que se transmitiam e dos mestres e leitores responsáveis pelo seu ensino.

Seguem-se, para completar o seu elenco curricular, três estudos dispersos no tempo - de 1989, 1991 e 1997 - que aproveitam as virtualidades dessa fonte histórica que tanto o tem prendido, o *Livro das Confissões* de Martin Pérez. Assim, com base nela, aborda a problemática da liberdade de religião na Idade Média, especificamente atentando no caso dos judeus e mouros. Numa outra vertente, analisa a problemática do trabalho à luz da Teologia, enfatizando as penalizações pelos salários em atraso. Finalmente, preocupa-se com os pecados e penitências que, hierarquicamente, eram imputadas à nobreza nesse *Manual de Confissão*. Estudos todos eles muito interessantes, bem reveladores da enorme riqueza desta fonte que, em velhos tempos, Mário Martins tinha explorado e que agora o Doutor José Antunes vem redimensionando. E neste particular não poderei deixar de anotar que, na sua disponibilidade de colega, até para outros, onde

me incluo, tem já oferecido o seu labor de edição crítica deste precioso códice.

Parece claro que, na sua produção científica, o Doutor José Antunes soube apelar a toda a sua ampla bagagem cultural para se dedicar a instituições, a homens e a problemáticas essencialmente ligadas à Igreja e ao ensino religioso. Só há que encomiar esta rentabilização do que aprendeu. Não obstante, também será de salientar que, por vezes, tal conduz a uma certa recorrência temática, se não mesmo a algumas sobreposições nos seus estudos. Do mesmo modo, se por um lado é muito de louvar a inclusão dos temas da sua investigação no Relatório da disciplina de *Cultura Erudita Portuguesa. Séculos XII a XV*, que lecciona no *Seminário* do Mestrado em História da Idade Média - e que apenas afloro, pois que será objecto de análise da minha colega Maria José Azevedo Santos - esse objectivo de a todos contemplar, conflui, a meu ver, num universo menos coeso e algo disperso na apresentação das diversas vertentes da cultura literária.

Gostaria, por fim, em jeito de balanço, de lhe perguntar qual o peso, por dentro do produzido, das respostas a motivações e exigências exteriores e quais os caminhos perseguidos por uma vontade verdadeiramente assumida como individual. Porque eu sei que o Doutor José Antunes é generoso face aos convites que lhe são formulados. Mas sei também que daí poderá ter resultado, em alguns momentos, um certo desvio de um fio condutor anterior, o que talvez se tenha reflectido na globalidade da sua produção científica, ou sobretudo em alguns estudos. Gostava de o ouvir, neste sopesar pessoal do "feito". Para depois querer saber os seus planos sobre o "a fazer", pois tenho a certeza de que, para além da edição crítica do *Livro das Confissões* de Martin Pérez, muitos outros projectos terá em mente, exigência de um espírito inquieto que, como programa de vida, se pautou, como disse no início, pelo sempre querer mais saber e aprender. Que essa ânsia o percorra até ao fim da sua vida e que a sua saúde lhe permita a ela responder afirmativamente, são os votos que sinceramente formulo, no plano pessoal da constante realização de alguém, que muito estimo e prezo, e no plano científico em geral, na certeza de que a comunidade dos historiadores e a historiografia portuguesa ficarão mais ricas com o seu saber, divulgado pelo escrito.